

PRODUÇÃO DE MATÉRIA VERDE E SECA DE *PANICUM SPP.* EM ESTANDE DO DIA DE CAMPO DE VERÃO 2025 DA IDEAU-BAGÉ EM PARCERIA COM A EMBRAPA PECUÁRIA SUL

BENTO, Gabrielli Jorge^{1*}
BOM, Nicolý Jardim¹
SANTOS, Luana Vargas dos¹
SCHUMACHER, Luciane de Paula²
PEREIRA-RÊGO, Diogo Ricardo Goulart²
MACIEL, Stefania Mendes²

RESUMO: O presente trabalho teve como objetivo planejar e executar a montagem de um estande para o “Dia de Campo Culturas de Verão IDEAU 2025” e avaliar a produção de matéria verde (MV) e matéria seca (MS) de três cultivares de *Panicum maximum* (BRS Quênia, Zuri e Tamani) em parcelas demonstrativas. A ação, realizada em parceria com a Embrapa Pecuária Sul, também buscou integrar ensino, pesquisa e extensão, promovendo o curso de Agronomia da Faculdade IDEAU. O estudo foi conduzido no formato de estudo de caso descritivo, com implantação das parcelas e manejo das cultivares em condições de campo. As coletas foram realizadas após o evento, por meio de três cortes simultâneos, simulando o pastejo, e os dados foram utilizados para determinar MV, MS e porcentagem de MS. Os resultados demonstraram superioridade da cultivar Zuri, com média de 233,33 g de MV e 67,54 g de MS, além de teor médio de MS de 29,07%, sendo indicada para sistemas de ensilagem. Tamani apresentou menor produção média (80 g de MV e 23,50 g de MS), porém com o maior teor de MS (29,45%), adequada para produção de feno. Quênia mostrou estabilidade entre os cortes (130 g de MV e 35,08 g de MS), com teor médio de 26,98%, sendo recomendada para sistemas com manejo uniforme. Os dados evidenciam que a escolha da cultivar deve considerar não apenas a produtividade, mas também o teor de matéria seca, conforme a finalidade de uso no sistema forrageiro.

Palavras-chave: Forragem; Matéria Verde; Matéria Seca; Extensão.

ABSTRACT: The main objective of this study was to plan and execute the assembly of a stand for the “IDEAU 2025 Summer Crops Field Day” and to evaluate the production of green matter (VM) and dry matter (DM) of three cultivars of *Panicum maximum* (BRS Kenya, Zuri and Tamani) in demonstration plots. The action, carried out in partnership with Embrapa Pecuária Sul, also sought to integrate teaching, research and extension, promoting the Agronomy course at IDEAU College. The study was conducted in the format of a descriptive case study, with implementation of the plots and management of the cultivars under field conditions. Collections were carried out after the event, through three simultaneous cuts, simulating grazing, and the data were used to determine VM, DM and DM percentage. The results demonstrated the superiority of the Zuri cultivar, with an average of 233.33 g of MV and 67.54 g of DM, in addition to an average DM content of 29.07%, being indicated for silage systems. Tamani presented the lowest average production (80 g of MV and 23.50 g of DM), but with the highest DM content (29.45%), suitable for hay production. Kenya showed stability between cuts (130 g of MV and 35.08 g of DM), with an average content of 26.98%, being recommended for systems with uniform management. The data show that the choice of cultivar should consider not only productivity, but also dry matter content, according to the purpose of use in the forage system..

Keywords: Forage; Green Matter; Dry Matter; Extension..

¹ Discentes do Curso de Agronomia, Nível IX 2025/1- Faculdade IDEAU – Bagé/RS.

² Docentes do Curso de Agronomia, Nível IX 2025/1 - Faculdade Ideau – Bagé/RS.

*E-mail para contato: santos.vargas.luana@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O Dia de Campo é uma importante ferramenta de extensão rural e difusão de tecnologias, que busca aproximar o conhecimento científico da prática no campo. Por meio de visitas técnicas, demonstrações e estações temáticas, os participantes têm a oportunidade de conhecer inovações, trocar experiências e atualizar seus conhecimentos sobre as melhores práticas agrícolas e pecuárias. Este evento é um espaço de aprendizado, diálogo e construção coletiva do saber, reunindo produtores rurais, técnicos, pesquisadores, estudantes e demais profissionais ligados ao setor agropecuário. Ao promover essa integração, o Dia de Campo contribui diretamente para o desenvolvimento sustentável do meio rural, estimulando o uso eficiente dos recursos, o aumento da produtividade e a adoção de tecnologias que respeitam o meio ambiente.

No contexto da produção animal, as espécies forrageiras têm papel fundamental na composição da dieta dos ruminantes, sendo responsáveis pelo fornecimento da maior parte dos nutrientes necessários à manutenção, crescimento e produção dos animais. Dentre as espécies mais utilizadas nos sistemas de pastejo intensivo em regiões tropicais estão os cultivares de *Panicum* spp., que se destacam pelo alto potencial produtivo, boa palatabilidade e adaptação a diferentes condições edafoclimáticas. Entre esses, destacam-se as cultivares BRS Quênia, Zuri e Tamani, desenvolvidas com o intuito de oferecer maior rendimento de massa verde e seca, bem como melhorar a qualidade nutricional da forragem.

A apresentação dessas cultivares em ambientes de extensão como o Dia de Campo proporciona não apenas a divulgação de materiais geneticamente melhorados, mas também permite que os produtores e estudantes observem, na prática, o comportamento agrônomo de cada espécie. Além disso, o uso de parcelas demonstrativas contribui para uma análise comparativa visual e técnica, favorecendo a tomada de decisão na escolha da forrageira mais adequada para cada sistema de produção.

Dessa forma, o presente trabalho teve como objetivo planejar e executar a composição de um estande para apresentação no “Dia de Campo Culturas de Verão IDEAU 2025” e determinar a produção de matéria verde e matéria seca de três cultivares de *Panicum* (BRS Quênia, Zuri e Tamani), por meio da implantação de parcelas demonstrativas. A ação foi realizada em parceria com a Embrapa Pecuária Sul. O estudo será descrito no formato de estudo de caso, com enfoque prático e descritivo.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Referencial Teórico

2.1.1 Extensão Rural na Agronomia

A extensão rural é uma das ferramentas fundamentais para o desenvolvimento da agricultura, especialmente no contexto da agronomia, pois atua como elo entre o conhecimento técnico-científico e o produtor rural. Trata-se de um processo educativo, contínuo e sistemático, cujo objetivo principal é promover a transformação das realidades rurais por meio da disseminação de tecnologias, inovações e práticas sustentáveis (EMATER, 2020).

Segundo Oliveira et al. (2019), a atuação dos extensionistas permite que os produtores tenham acesso a orientações técnicas, planejamento da produção, manejo adequado de recursos naturais e gestão eficiente das propriedades, aspectos diretamente ligados à formação do profissional em agronomia.

Como destaca Lima (2021), a presença do agrônomo no campo, exercendo também o papel de extensionista, é essencial para garantir que o conhecimento gerado nas instituições de pesquisa e ensino chegue de forma eficaz às propriedades rurais.

Além disso, a extensão rural tem papel estratégico na promoção do desenvolvimento sustentável, pois atua com foco na educação ambiental, na valorização da agricultura familiar e na inclusão social. Para Santos e Almeida (2022), a extensão deve ir além da simples transferência de tecnologia, promovendo o diálogo entre saberes e respeitando a diversidade cultural e socioeconômica do meio rural.

2.1.1.1 Dia de Campo

O Dia de Campo é uma atividade extensionista de caráter técnico-educacional voltada à difusão de conhecimentos práticos e científicos diretamente no ambiente rural. Essa metodologia de ensino-aprendizagem visa aproximar os produtores rurais, estudantes, pesquisadores e profissionais da agronomia, por meio de visitas técnicas orientadas, apresentações de resultados de pesquisas e demonstrações de tecnologias aplicadas no campo (PEREIRA; MATTOS, 2020).

De acordo com Carvalho et al. (2018), o Dia de Campo permite a troca de experiências entre diferentes agentes do setor agrícola, promovendo um ambiente colaborativo no qual saberes acadêmicos e empíricos se encontram. Essa interação é essencial para facilitar a adoção de inovações tecnológicas, melhorar os índices de produtividade e fomentar o desenvolvimento sustentável no meio rural.

Para Andrade e Souza (2019), o contato direto entre agrônomos e produtores nesse tipo de evento contribui significativamente para o fortalecimento da extensão rural e da formação contínua dos participantes.

Além disso, o Dia de Campo contribui para a validação de tecnologias no ambiente onde elas serão aplicadas, o que favorece a tomada de decisão por parte dos agricultores e reforça a confiança nos processos científicos apresentados. Segundo Lima (2021), essa vivência prática é muitas vezes mais eficaz do que outros meios de disseminação do conhecimento, como palestras em ambientes urbanos ou publicações técnicas, especialmente para o público da agricultura familiar.

2.1.2 Forrageiras

As plantas forrageiras são aquelas utilizadas na alimentação de animais, principalmente ruminantes, sendo cultivadas com o objetivo de fornecer pastagem, feno ou silagem. De acordo com Corsi (2006), essas espécies são fundamentais para a pecuária, uma vez que constituem a base da dieta animal, garantindo o aporte de fibras, energia e proteínas necessárias ao bom desempenho zootécnico.

As forrageiras podem ser classificadas em gramíneas e leguminosas, cada grupo com características morfológicas, fisiológicas e nutritivas distintas. As gramíneas, pertencentes à família Poaceae, destacam-se pela rusticidade, alta produção de matéria verde e adaptação a diferentes condições edafoclimáticas. Já as leguminosas, da família Fabaceae, possuem a capacidade de fixar nitrogênio atmosférico por meio da simbiose com bactérias do gênero *Rhizobium*, contribuindo para a fertilidade do solo (PEDREIRA; PEDREIRA, 2007).

Do ponto de vista botânico, as gramíneas apresentam colmos geralmente ocos, folhas alternas com bainha envolvendo o caule e inflorescências em espiguetas. As leguminosas, por sua vez, possuem folhas compostas e flores geralmente vistosas, com frutos do tipo vagem. A identificação botânica correta das espécies forrageiras é essencial para sua

recomendação técnica, pois diferentes cultivares podem apresentar variações quanto à produtividade, valor nutritivo e resistência a pragas e doenças (VILELA et al., 2011).

A escolha adequada da espécie forrageira deve considerar fatores como o clima, tipo de solo, sistema de produção e categoria animal. Além disso, o manejo eficiente das pastagens é indispensável para garantir sua longevidade, sustentabilidade e capacidade de suporte ao longo do tempo (CORSI, 2006).

2.1.2.1 A origem da forrageira *Panicum*

As gramíneas da espécie *Panicum maximum* são nativas da África Tropical, estendendo-se até as áreas subtropicais da África do Sul. Ocorrem naturalmente desde o nível do mar até 1.800 m de altitude, às margens de florestas, como gramíneas pioneiras em áreas desmatadas e em áreas de savanas com árvores isoladas. *P. maximum* é uma espécie com grande variabilidade genética, com inúmeros ecotipos distintos, ocorrendo especialmente no Leste da África, com mais de uma dúzia de variedades botânicas já descritas (BOGDAN, 1977; HERLING et al., 2000).

Esta espécie foi introduzida nas Américas, provavelmente no século 18 e, certamente, no século 19, acidentalmente, por meio dos navios negreiros, sendo utilizada como cama para os escravos (PARSONS, 1972).

2.1.2.1.1 *Panicum maximum*

A produtividade da pecuária (produção de carne e leite por animal e por hectare) pode ser comprometida pela baixa qualidade e produção estacional de forragem, especialmente quando as pastagens são formadas com gramíneas puras e sem a correção da fertilidade do solo. (BARCELOS et al., 2000).

A espécie *Panicum maximum* Jacq. é uma das forrageiras mais importantes para a produção pecuária nas regiões tropicais e subtropicais do mundo (SOUZA, 1999; HERLING et al., 2000). Esta espécie forrageira é muito valorizada pelos produtores destas regiões por sua alta produtividade, qualidade e palatabilidade da forragem produzida, além da boa persistência das pastagens (BOGDAN, 1977).

Panicum maximum, é uma espécie de forrageira que se propaga por sementes, também conhecida por sua adaptabilidade em diversos tipos de solos e climas, porém, é

exigente em fertilidade e manejo. De excelência quando se fala em qualidade de forragem, tem sido responsável por grande parte da engorda de bovinos no Brasil (JANK, 1995). Sua reprodução é por apomixia, que segundo Luciane Gauer (2000), é um método geneticamente controlado de reprodução em plantas onde o embrião é formado sem a união dos gametas feminino e masculino.

Quando se analisa a necessidade de intensificação no sistema de produção de bovinos no país, logo-se pensa nas espécies de *Panicum*, com sua responsiva habilidade de intensificação na produção de carne, leite, couro e lã (JANK, 2008).

2.1.3 Cultivares

2.1.3.1 Cultivar BRS Quênia

A BRS Quênia é o segundo híbrido de *Panicum maximum* desenvolvido pela Embrapa Gado de Corte e parceiros e vem para o mercado para suprir uma demanda por uma cultivar produtiva e de excelente qualidade, de porte intermediário, com folhas macias e colmos tenros, alto perfilhamento e de fácil manejo. Ela apresenta um bom desempenho e alta adaptação em diferentes regiões do país (EMBRAPA, 2017).

2.1.3.2 Cultivar Zuri

A BRS Zuri é uma gramínea cespitosa, que deve ser manejada preferencialmente sob pastejo rotacionado. Apresenta tolerância moderada ao encharcamento do solo, semelhante ao Tanzânia-1, porém se desenvolve melhor em solos bem drenados, sendo uma opção para diversificação de pastagens nos biomas Amazônia e Cerrado. Suas principais características são a elevada produção, o alto valor nutritivo, a resistência às cigarrinha-das-pastagens e o alto grau de resistência à mancha das folhas, causada pelo fungo *Bipolaris maydis* (EMBRAPA, 2014).

2.1.3.3 Cultivar Tamani

A cultivar BRS Tamani é o primeiro híbrido de *Panicum maximum* da Embrapa, resultado de um cruzamento realizado na Embrapa Gado de Corte em 1992. Apresenta como características porte baixo, com alta produção de folhas de alto valor nutritivo (elevados

teores de proteína bruta e digestibilidade), produtividade e vigor, sendo de fácil manejo e resistente às cigarrinhas das pastagens (EMBRAPA, 2015).

2.1.4 Avaliação de Produtividade

O cultivo de forrageiras é fundamental na dieta de ruminantes, sendo normalmente analisado através da produção de matéria verde (MV) e matéria seca (MS). Esses dois critérios são comumente empregados para avaliar tanto a produtividade das plantas quanto o valor nutricional da forragem (MACEDO et al., 2009).

A matéria verde (MV) refere-se ao peso total da vegetação no instante da colheita, englobando todo o teor de água contido nos tecidos da planta. Apesar de esse indicador ser importante para avaliar a quantidade de forragem disponível na pastagem, ele pode variar significativamente conforme o nível de umidade, o que restringe sua aplicação na elaboração de dietas (PEREIRA et al., 2014).

Em contrapartida, a matéria seca (MS) refere-se à parte da planta que permanece após a remoção da umidade, sendo constituída por carboidratos, proteínas, fibras, minerais e outros elementos nutritivos. Por essa razão, a MS é vista como um critério mais preciso para determinar o valor nutritivo das forrageiras, uma vez que evidencia a quantidade efetiva de nutrientes que estará disponível para os animais (VAN SOEST, 1994).

Conforme Euclides et al. (2009), A proporção entre matéria verde e matéria seca pode mudar de acordo com vários elementos, como a espécie de forrageira, o estágio de desenvolvimento da planta, às condições climáticas, o tipo de manejo e as técnicas de adubação utilizadas; Forrageiras em fase inicial, por exemplo, tendem a ter um conteúdo hídrico mais elevado e uma menor quantidade de matéria seca, enquanto plantas em estágios mais avançados costumam apresentar um maior teor de fibra e uma digestibilidade inferior.

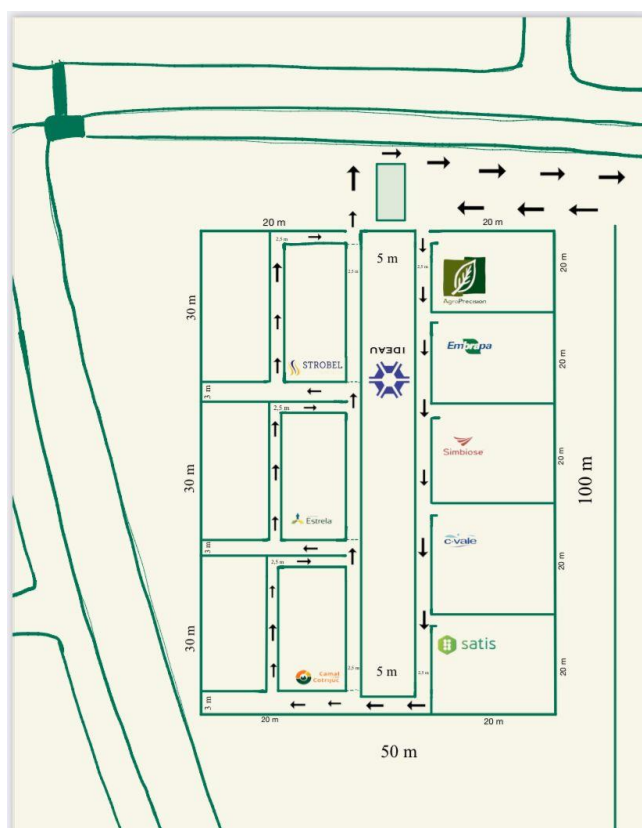
Assim, a avaliação de matéria verde e matéria seca é crucial para a gestão eficaz de pastagens, pois possibilita identificar o período apropriado para a colheita, analisar a qualidade nutricional da forragem e planejar de maneira adequada a nutrição do rebanho (MACEDO et al., 2009).

2.2 Material e métodos

O desenvolvimento do trabalho foi realizado no Campus Rural da Faculdade IDEAU- Bagé junto com a implantação do “Dia de Campo Culturas de verão Ideau 2025”.

No dia 08 de novembro de 2024 foi determinada a área que seria realizada a implantação do projeto e foi firmada a parceria com a empresa Embrapa Pecuária Sul. Neste mesmo dia foi realizada uma reunião para abordar alguns temas relacionados ao dia de campo, tais como, dimensionamento de espaço para as empresas parceiras, cultivares a serem introduzidas e tratamentos a serem aplicados, e elaboração do croqui, mostrado na Figura 1.

Figura 1: Croqui da área total do dia de campo



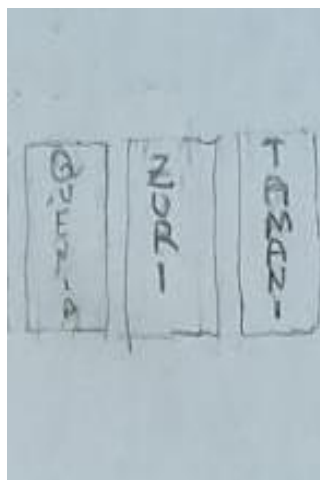
Fonte: Autores

Após a definição da área destinada à empresa Embrapa, no dia 18 do mesmo mês, juntamente com alguns representantes da mesma, Marco Antônio Caran e Dr. Daniel Montardo, foram definidos o croqui das parcelas, as cultivares a serem implantadas, bem como suas recomendações de implantação e manejo inicial (Figuras 2 e 3).

A semeadura das cultivares Tamani, Zuri e Quênia foi realizada nos dias 13 e 17 de fevereiro. Para o preparo do solo, foi utilizado o fertilizante NPK 10-30-10, aplicado diretamente na cova durante o plantio. A emergência das plantas ocorreu entre 3 a 7 dias

após a semeadura.

Figura 2: Croqui das parcelas implantadas pela Embrapa



Fonte: autores

Figura 3: Manejos realizados nas parcelas

Semeadura		Fert+0:32 mte NPK 10:30:10	DT 12	
Tamami	13 a 17/2	Emergência	3 a 4 folhas	
Zuri	13 a 17/2			
Quênia	13 a 17/2			
Ipyporã	13 a 17/2			
Piatã	13 a 17/2			
Estribo	03 a 05/2	Misturado na semente	Iniciada após plântio	
1503	03 a 05/2			
Kurumi	03 a 05/2			
Espaçamento		Semeadura: espaçamento entre linhas (Tamami, Zuri, Quênia, Piatã e Ipyporã) = 25cm		
KURUMI	50x50cm			
DT 12/3	20			

Fonte: autores

Os espaçamentos entre as plantas foram definidos de acordo com as características de cada cultivar. O espaçamento adotado foi de 25 cm para as cultivares implantadas. Também foi implantado um sistema de irrigação por exsudação (mangueira com furos muito pequenos ao quais permitem que a água vaze lentamente por toda extensão nas linhas de cultivo) no local como mostra a figura 4. Semanalmente foram executadas limpezas manuais para a extração de plantas invasoras.

Figura 4: Demonstração da área já implantada com a irrigação por exsudação.



Fonte: Autores

Alguns dias antes do Dia de Campo, foi efetuada a preparação do local, realizando-se a limpeza da área e a colocação de dumps (Figura 5).

Figura 5: Organização da área para o dia de campo



Fonte: Autores

Logo após a realização do evento foi realizada coleta da matéria verde com o objetivo de simular o pastejo de bovinos, respeitando o resíduo de 15 cm, conforme recomendações para manejo de gramíneas do gênero *Panicum*. Para isso, utilizaram-se dois quadrados de madeira com área de 0,25 m² (50 cm x 50 cm), lançados aleatoriamente dentro da parcela experimental, evitando bordaduras.

Dentro de cada quadrado, toda a forragem aérea foi cortada manualmente com auxílio de tesoura de poda. O material coletado representa a massa de forragem potencialmente consumida pelo animal. Todo o material vegetal colhido acima do resíduo foi acondicionado em sacos identificados (Figura 6) e pesados em balança de precisão para obtenção da massa verde in natura (Figura 7) e posteriormente enviados para secagem em estufa a 65 °C por 72 horas, para determinação da matéria seca. Após a secagem, o peso da matéria seca foi obtido, e os dados foram extrapolados para toneladas por hectare (t/ha).

Figura 6: Material separado em sacos de papel, prontas para ir para estufa



Fonte: Autores

Figura 7: Pesagem do material já seco



Fonte: Autores

2.3 Resultados e Discussão

O dia de campo foi realizado no dia 11 de abril de 2025, no campus experimental da faculdade IDEAU de Bagé, com a participação de estudantes, professores e produtores rurais da região. As atividades desenvolvidas permitiram a observação prática dos temas abordados nas disciplinas de manejo de culturas de verão e tecnologia de aplicação.

O evento contou com a presença de aproximadamente 120 participantes, distribuídos em grupos para facilitar o acompanhamento das estações técnicas. A organização do dia de campo seguiu o modelo rotacional, no qual os grupos percorreram diferentes pontos de demonstração ao longo da manhã, conforme recomendado por Souza et al. (2020). Essa estrutura favoreceu a interação entre os participantes e o palestrante, promovendo um ambiente de aprendizado dinâmico.

Indica-se que o dia de campo contribuiu significativamente para a formação prática dos estudantes e para o aperfeiçoamento técnico dos produtores presentes. Essa observação está em consonância com os achados de Lima et al. (2019), que afirmam que experiências práticas, como dias de campo, fortalecem o vínculo entre teoria e prática no ensino agropecuário.

Através dos dados coletados (Tabela 1) foi avaliado o desempenho produtivo de três variedades forrageiras — Quênia, Tamani e Zuri — por meio de três amostras coletadas realizadas simultaneamente em cada parcela, representando repetições dentro do mesmo momento de amostragem. Foram analisadas a massa de matéria verde (MV), a massa de matéria seca (MS) e a porcentagem de matéria seca (%MS).

Tabela 1. Dados obtidos em gramas de matéria verde e matéria seca

Variedade	Amostras	Massa de Matéria Verde (g)	Massa de Matéria Seca (g)
Quênia	I	130	35,91
	II	130	35,9
	III	130	33,44
Tamani	I	90	24,4
	II	80	25,86
	III	70	20,23
Zuri	I	220	64,26
	II	190	56,75

2.3.1 Produção de Matéria Verde (MV)

A variedade Zuri apresentou os maiores valores médios de MV (233,33 g), com destaque para o terceiro corte (290 g). A variedade Quênia manteve constância entre os cortes (130 g), e Tamani obteve os menores valores (média de 80 g), indicando variações entre as subáreas das parcelas.

2.3.2 Produção de Matéria Seca (MS) e Porcentagem de MS (%MS)

Na Tabela 2 mostra os dados detalhados de produção de MS e % MS de cada variedade e corte.

Tabela 2: Avaliação da Produtividade Média de MS e % MS.

Variedade	Amostras I	Amostras II	Amostras III	Média MS(g)	Média %MS
Quênia	35,91 g (27,62%)	35,90 g (27,61%)	33,44 g (25,72%)	35,08 g	26,98%
Tamani	24,40 g (27,11%)	25,86 g (32,33%)	20,23 g (28,90%)	23,50 g	29,45%
Zuri	64,26 g (29,21%)	56,75 g (29,87%)	81,62 g (28,14%)	67,54 g	29,07%

Como os cortes foram realizados no mesmo dia, as variações observadas entre eles devem-se a fatores micro ambientais ou heterogeneidade espacial dentro da parcela, e não ao estágio de desenvolvimento da planta. Isso reforça a confiabilidade dos dados médios para cada variedade como representativos do seu potencial naquele momento.

A variedade Zuri demonstrou superioridade na produção de matéria verde e matéria seca, com alta consistência nos teores de MS (média de 29,07%), o que a torna recomendada para sistemas que priorizam produtividade e qualidade para ensilagem. Esses resultados são coerentes com os encontrados por Euclides et al. (2010), que destacaram o elevado potencial de produção do Zuri em condições tropicais, especialmente quando o objetivo é maximizar o rendimento de biomassa. Além disso, Jank et al. (2014) também apontam o Zuri como uma

das cultivares mais equilibradas entre produção e qualidade da forragem para sistemas intensivos de produção animal.

Tamani teve a menor produção absoluta, mas compensou com o maior teor médio de matéria seca (29,45%), atingindo 32,33% em um dos cortes, sendo promissora para sistemas que exigem menor umidade, como produção de feno ou dietas mais concentradas. Essa tendência é corroborada por Ramos et al. (2017), que relataram teores superiores de MS no Tamani em comparação com outras cultivares do gênero *Panicum*, destacando sua adequação para conservação em forma de feno, dada sua rápida desidratação e estrutura menos densa.

E por fim a variedade Quênia, manteve estabilidade produtiva, mas com teores de MS ligeiramente inferiores (média de 26,98%), o que pode indicar menor densidade nutricional, embora seja útil em sistemas que valorizam uniformidade de oferta e manejo previsível. Sousa et al. (2019) já haviam identificado o Quênia como uma cultivar de comportamento intermediário, com desempenho regular em ambientes variados, reforçando sua aptidão para sistemas mais extensivos ou com menor nível de tecnificação.

3 CONCLUSÃO

O dia de campo proporcionou uma valiosa integração entre teoria e prática, beneficiando tanto estudantes quanto produtores rurais. A estrutura rotacional adotada favoreceu o aprendizado dinâmico e a troca de experiências.

Os dados obtidos evidenciaram o desempenho superior da variedade Zuri na produção de matéria verde e seca, com teores consistentes de matéria seca, sendo indicada para sistemas voltados à ensilagem. A variedade Tamani, embora menos produtiva em massa, destacou-se pelo maior teor de MS, o que a torna promissora para feno ou dietas mais secas. Já a variedade Quênia apresentou estabilidade produtiva, com menor teor de MS, sendo adequada para manejos que valorizam constância de oferta. Dessa forma, os resultados obtidos demonstram que a escolha da variedade forrageira deve considerar não apenas a produtividade, mas também a finalidade de uso e o manejo adotado no sistema de produção.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Marcos Vinícius; SOUZA, Letícia Cristina. A prática extensionista e o papel do engenheiro agrônomo nos dias de campo. *Revista Extensão em Foco*, v. 12, n. 1, p. 45–57, 2019.

BARCELLOS, A. de O.; ANDRADE, R. P. de; KARIA, C. T.; VILELA, L. Potencial e uso de leguminosas dos gêneros *Stylosanthes*, *Arachis* e *Leucaena*. In: *SIMPÓSIO SOBRE MANEJO DA PASTAGEM*, 17., 2000. Acesso em: 18/04/2025

BOGDAN, A. V. *Tropical pasture and fodder plants*. Londres: Longman, 1977. 475 p. (Tropical Agriculture Series). Acesso em: 18/04/2025

CARVALHO, D. D. et al. A importância da extensão rural no desenvolvimento agropecuário. *Revista de Extensão e Desenvolvimento Rural*, v. 6, n. 2, p. 45–59, 2018.

CARVALHO, Denise Lima et al. Dia de campo como instrumento de extensão rural e desenvolvimento sustentável. *Revista Brasileira de Educação Agrícola*, v. 23, n. 2, p. 102–118, 2018.

CORSI, Mauricio. *Pastagens: manejo e adubação*. 2. ed. Piracicaba: FEALQ, 2006.

EMATER. *Extensão rural e assistência técnica: fundamentos e práticas*. Belo Horizonte: EMATER-MG, 2020.

EMBRAPA. *Forrageiras para pastagem: cultivares da Embrapa*. Bagé: Embrapa Pecuária Sul, 2023. Disponível em: <https://www.embrapa.br/pecuaria-sul>. Acesso em: 09 maio 2025.

EMBRAPA. *Panicum maximum- BRS Quênia*, 2017. Disponível em: *Panicum maximum - BRS Quênia - Portal Embrapa*. Acesso em: 18/04/2025

EMBRAPA. *Panicum maximum- BRS Zuri*, 2014. Disponível em: *Panicum maximum - BRS Zuri - Portal Embrapa*. Acesso em: 18/04/2025

EMBRAPA. *Panicum maximum- híbrido BRS Tamani*, 2015. Disponível em: *Panicum maximum - híbrido BRS Tamani - Portal Embrapa*. Acesso em: 18/04/2025

EMBRAPA. *Tecnologias para o campo: o papel dos Dias de Campo na transferência de conhecimento*. Brasília: Embrapa, 2017. Disponível em: <https://www.embrapa.br>. Acesso em: 09 maio 2025.

EUCLIDES, V. P. B. et al. Forrageiras do gênero *Panicum* para sistemas de produção intensiva. *Revista Brasileira de Zootecnia*, v. 45, n. 12, p. 765–779, 2016.

EUCLIDES, V. P. B.; MACEDO, M. C. M.; VALLE, C. B. do. *Valor nutritivo de forragens tropicais*. Campo Grande, MS: Embrapa Gado de Corte, 2009. Acesso em: 22/04/2025

GAUER, L.; CAVALLI-MOLINA, S. APOMIXIA: UM MÉTODO ALTERNATIVO PARA A PRODUÇÃO DE SEMENTES EM PLANTAS. *Pesquisa Agropecuária Gaúcha*, v. 6, n. 1, p. 157-170, 31 ago. 2000. Acesso em: 18/04/2025

HERLING, V. R.; BRAGA, G. J.; LUZ, P. H. de C.; OTANI, L. Tobiatã, Tanzânia e Mombaça. In: SIMPÓSIO SOBRE MANEJO DA PASTAGEM, 17., 2000, Piracicaba. A planta forrageira no sistema de produção: anais. Piracicaba: FEALQ, 2000. p. 21-64. Acesso em: 18/04/2025

JANK, L. et al. Breeding tropical forages. *Crop Breeding and Applied Biotechnology*, v. 11, n. 1, p. 27–34, 2011.

JANK, L.; BARBOSA, R. A.; SIMEÃO, R. M.; VALLE, C. B. do. *Panicum maximum* Jacq.: Histórico, manejo do germoplasma e cultivares. Embrapa Gado de Corte. Documentos, n. 223, 2014. Disponível em: <https://www.embrapa.br/gado-de-corte/busca-de-publicacoes/-/publicacao/980234/panicum-maximum-jacq-historico-manejo-do-germoplasma-e-cultivares>. Acesso em: 16/06/2025.

JANK, Liana et al. Melhoramento genético de *Panicum maximum*. Melhoramento de forrageiras tropicais, v. 1, p. 55-87, 2008. Acesso em: 18/04/2025

LIMA, João Carlos. O papel do engenheiro agrônomo na extensão rural: desafios e perspectivas. *Revista Brasileira de Extensão Rural*, Porto Alegre, v. 27, n. 1, p. 15–30, jan./jun. 2021.

LIMA, João Paulo. Metodologias participativas no meio rural: o impacto dos dias de campo na adoção de tecnologias agrícolas. *Revista Campo & Saber*, v. 9, n. 1, p. 65–79, 2021.

LIMA, José Carlos de; OLIVEIRA, Mariana R.; SOUSA, Fábio H. Práticas extensionistas e formação profissional: a importância dos dias de campo no ensino agrário. *Revista de Extensão Rural*, v. 26, n. 2, p. 45–58, 2019.

OLIVEIRA, Maria Fernanda; SILVA, Renato de Souza; MOURA, Lúcia Helena. Extensão rural e desenvolvimento agrícola: uma análise da atuação dos extensionistas na agricultura familiar. *Revista Campo & Território*, Montes Claros, v. 14, n. 2, p. 95–112, 2019.

OLIVEIRA, T. M.; SOUSA, J. R. Extensão rural como instrumento para o desenvolvimento sustentável. *Cadernos de Agroecologia*, v. 15, n. 1, p. 1–8, 2020.

PARSONS, J. J. Spread of african pasture grasses to the American Tropics. *Journal of Range Management*, Denver, v. 25, n. 1, p. 12-17, 1972. Acesso em: 18/04/2025

PEDREIRA, Carlos Guilherme Silva; PEDREIRA, Bruno Ciro e Silva. Forrageiras: fundamentos da produção e utilização de pastagens. Piracicaba: FEALQ, 2007.

PEREIRA, Ana Cláudia; MATTOS, Rodrigo Silva de. Educação rural e extensão: os dias de campo como estratégia de ensino-aprendizagem. *Cadernos de Extensão Rural*, v. 15, n. 3, p. 33–48, 2020.

PEREIRA, L. E. T. et al. Produção de matéria seca e composição química de forrageiras tropicais. *Revista Brasileira de Zootecnia*, Viçosa, MG, v. 43, n. 8, p. 398–406, 2014. Acesso em: 22/04/2025

RAMOS, A. K. B.; ANDRADE, C. M. S.; OLIVEIRA, J. C. V.; FERREIRA, M. A.; SOUZA, D. R. Desempenho de cultivares de capim *Panicum maximum* na produção de feno em Roraima. *Revista Brasileira de Saúde e Produção Animal*, Salvador, v. 18, n. 3, p. 515–526, 2017.

SANTOS, Ana Paula; ALMEIDA, Carlos Henrique. Extensão rural participativa: um olhar sobre o diálogo de saberes no campo. *Cadernos de Agroecologia*, v. 17, n. 1, p. 1–12, 2022.

SEIFFERT, N. F. Gramíneas forrageiras do gênero *Brachiaria*. Embrapa, Centro Nacional de Gado de Corte, 1980. 96p. (Embrapa – Centro Nacional de Gado de Corte. Circular Técnica, 9) Acesso em: 18/04/2025

SOUSA, B. M. de L.; SILVA, D. S. da; OLIVEIRA, T. S. de; LOPES, K. P.; MARANHÃO, S. R. de S. Avaliação agronômica de cultivares de *Panicum maximum* em condições de sequeiro. *Revista Agro@mbiente On-line*, Boa Vista, v. 13, n. 1, p. 37–44, 2019.

SOUZA, André L.; MARTINS, Rafael P.; PEREIRA, Luana F. Metodologias participativas em dias de campo: contribuições para o ensino-aprendizagem no meio rural. *Cadernos de Extensão Universitária*, v. 15, n. 1, p. 89–102, 2020.

VILELA, Danilo et al. Forrageiras para produção animal nos trópicos. 3. ed. Viçosa: UFV, 2011.